



Faculdade Batista
do Rio de Janeiro

FACULDADE BATISTA DO RIO DE JANEIRO

ANDRÉ DA SILVA NOVAES

A RELAÇÃO DO TEXTO DE Ap 4-5 COM A LITERATURA APOCALÍPTICA

Rio de Janeiro

2025



Faculdade Batista
do Rio de Janeiro

ANDRÉ DA SILVA NOVAES

A RELAÇÃO DO TEXTO DE Ap 4-5 COM A LITERATURA APOCALÍPTICA

Artigo apresentado ao curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Batista do Rio de Janeiro, como requisito necessário à obtenção do título de bacharel.

Orientador(a): Prof. Dr. Leonardo dos Santos Silveira.

Rio de Janeiro

2025

A RELAÇÃO DO TEXTO DE Ap 4-5 COM A LITERATURA APOCALÍPTICA

André da Silva Novaes

Prof. Dr. Leonardo dos Santos Silveira

Resumo

Este artigo analisa a relação dos capítulos 4–5 do Apocalipse de João com a literatura apocalíptica, através da hipótese de que esses capítulos mantêm um diálogo com textos apocalípticos oriundos do judaísmo do Segundo Templo. A pesquisa pauta-se em uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva, explicativa e analítica, embasada em uma revisão bibliográfica especializada. Conclui-se que Apocalipse 4–5 aponta, de forma exemplar, para a incorporação e ressignificação da tradição apocalíptica judaica, articulando uma teologia do louvor, da soberania divina e da vitória do Cordeiro, oferecendo uma mensagem de esperança e resistência às comunidades cristãs do final do primeiro século de nossa era.

Palavras-chave: Teologia Bíblica, Novo Testamento, Apocalipse, Literatura Apocalíptica, Apocalipse 4-5.

Abstract

This article examines the relationship between Revelation 4–5 and apocalyptic literature, based on the hypothesis that these chapters engage in a dialogue with apocalyptic texts originating from Second Temple Judaism. The research adopts a qualitative approach of a descriptive, explanatory, and analytical nature, grounded in a specialized bibliographic review. It concludes that Revelation 4–5 exemplifies the incorporation and reinterpretation of the Jewish apocalyptic tradition, articulating a theology of praise, divine sovereignty, and the victory of the Lamb, and offering a message of hope and resistance to Christian communities at the end of the first century CE.

Key-words: Biblical Theology, New Testament, Revelation, Apocalyptic Literature, Revelation 4-5.

1)INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo consiste em analisar a relação dos capítulos 4-5 do Apocalipse de João com a literatura apocalíptica. Nesse sentido, a hipótese central do nosso trabalho é a interlocução/diálogo/relação desse tipo de texto, cujo surgimento data do recorte espaço-temporal do judaísmo do segundo templo, com o Apocalipse, especificamente, nos capítulos 4-5 desse livro neotestamentário.

Em termos metodológicos, a abordagem deste trabalho é de natureza qualitativa. Nesse aspecto, a pesquisa ocorre de modo descritivo, explicativo e analítico, considerando uma revisão bibliográfica do tema em tela e, por conseguinte, o seu estudo.

Desse modo, na primeira parte do nosso trabalho, averiguaremos as questões da datação, autoria, assim como a natureza literária desse livro do visionário João. Nesse aspecto, o Apocalipse caracteriza-se pela convergência de três gêneros textuais, isto é, a epístola, profecia e a literatura apocalíptica.

Na segunda parte, abordaremos o fato de o Apocalipse vincular-se, estreitamente, à literatura apocalíptica. Inicialmente, definiremos o gênero textual apocalíptico para, em seguida, examinarmos as conexões desse tipo de texto com o último livro da Bíblia Sagrada.

Na última seção/parte, estabeleceremos a relação da literatura apocalíptica com os capítulos 4-5 do Apocalipse de João. Primeiramente, debruçar-nos-emos na teologia bíblica contida nesses capítulos, notadamente, a questão do louvor e adoração a Deus e ao Seu Cordeiro, uma vez que tais capítulos formam um “bloco”, cuja questão de fundo é um culto celestial, narrado pelo vidente e prisioneiro João da ilha de Patmos.

Por fim, deter-nos-emos na hipótese central do nosso artigo: a relação da literatura apocalíptica com os capítulos 4-5 do Apocalipse de João. Isto posto, versaremos alguns textos apocalípticos que apresentam estreita associação com esses capítulos em análise.

2)UM MAPEAMENTO DO LIVRO DO APOCALIPSE DE JOÃO

Pela sua especificidade, se comparado aos diferentes gêneros textuais encontrados nas Sagradas Escrituras, o livro do Apocalipse tende a ser considerado como de “difícil” interpretação. Isso decorre por conta das visões, símbolos e números que surgem ao longo da sua redação, o que, a princípio,

apontaria para uma leitura “árida”, “temerosa” (tendo em vista o que foi destacado acima), especulativa/sensacionalista e, por conseguinte, colocada em segundo plano na preferência de muitos cristãos¹.

Todavia, o último livro da Bíblia oferece-nos uma teologia bíblica em que a figura do Cordeiro é central na sua escrita. Logo, se ela for compreendida à luz de suas características literárias, esse livro traz-nos uma mensagem de esperança, encorajamento e vitória do Senhor Jesus, bem como daqueles que o seguem, diante das forças das trevas. Nesse aspecto, faremos aqui, inicialmente, um mapeamento desse livro, apresentando as suas particularidades literárias.

2.1-A Datação do Apocalipse

Sobre a datação desse último livro das Sagradas Escrituras, Valtair Miranda afirma que grande parte dos comentaristas situa o Apocalipse no recorte espaço-temporal do imperador Domiciano, entre 81 e 96 d.C.². Para esse autor supracitado, esse livro apresenta em seu texto, algumas evidências internas que apontam para uma data posterior a 70 a.C.

Nesse sentido, o autor do Apocalipse, simbolicamente, faz alusão várias vezes, à cidade de “Babilônia” (Ap 14.8; 16.19; 17.5; 18.2, 10, 21), associando-a, implicitamente, com a cidade de Roma³. Valtair Miranda argumenta que essa relação entre “Babilônia” e Roma apenas foi vista em textos judaicos (4Esdras 3.14; 2Apocalipse de Baruque e o Quinto Livro dos Oráculos Sibilinos) como uma ligação ao fato de que, em contextos distintos, destruíram Jerusalém e o seu Templo. Consoante esse autor, dificilmente, alguém faria essa correspondência antes do fim da guerra judaico-romana (70 d.C.).

¹(...) O uso de metáfora e simbolismo por João pode ser avassalador para o leitor e conhecer o gênero do texto pode ajudar a reduzir a complexidade do conhecimento de base necessário em prol de uma comunicação clara”. THOMPSON, M. C. *O Livro de Apocalipse*, p. 497.

²(...) Irineu, em um de seus escritos, destacou, aparentemente baseado em uma citação de Papias, que ‘o Apocalipse foi visto não há muito tempo, em nossa própria geração, no fim do reinado de Domiciano’. (Adv Haer 5.30.3). Seguiu-o também Eusébio de Cesareia, que argumenta que o Apocalipse nasceu no final do primeiro século: ‘É tradição que, neste tempo, o apóstolo e evangelista João, que ainda vivia, foi condenado a habitar a ilha de Patmos por ter dado testemunho do Verbo de Deus’ (Hist. Ecl III, VIII, 1). Ele ainda escreveu: ‘Foi então que o apóstolo João, voltando-se de seu desterro na ilha, retirou-se para viver em Éfeso, segundo relata a tradição de nossos antigos’ [grifo do autor]. MIRANDA, V. *Revelação*, p. 55.

³(...) Os indícios deixados por João identificam essa cidade como Roma: as sete cabeças da besta são sete montanhas sobre a qual ela repousa (Apocalipse 17.7); ela é a grande cidade que governa sobre os reis da terra (Apocalipse 17.18)”. MIRANDA, V. *Revelação*, p. 55.

Outras importantes evidências internas sobre a datação desse livro correspondem à percepção de João de que a comunidade do Senhor Jesus é o novo templo de Deus, bem como a profecia que indica que, na Nova Jerusalém, não haverá mais templos. Para Valtair Miranda, tais menções são duas construções teológicas as quais sugerem que o último livro da Bíblia Sagrada se situa após a destruição do Templo de Jerusalém (cerca de 70 d.C.).

2.2-A Autoria do Apocalipse

No que se refere à questão da autoria do Apocalipse, Grant Osborne argumenta que o autor desse texto se identifica como “(...) João, servo de Jesus (...) exilado na ilha de Patmos” (Ap 1.1, 4, 9; 22.8). Além disso, ele recebeu uma série de visões que o Senhor Deus enviou para as igrejas da província romana da Ásia. Assim, esse autor deve dar um “testemunho” profético da mensagem que Deus lhes está enviando por seu intermédio/mediação (Ap 1.2)⁴.

Grant Osborne afirma que a identidade desse autor intitulado como “João” tem suscitado muitos debates por partes dos estudiosos que se debruçam a analisar o último livro do Novo Testamento. Nesse aspecto, esse “João” nunca se identificou como “apóstolo”, porém ele se refere como “servo/escravo” (1.1), “profeta” (1.3; 22.9), bem como um entre seus “irmãos, os profetas” (19.10; 22.9)⁵. Para Valtair Miranda,

(...) apesar de antiga, a argumentação de Dionísio, bispo de Alexandria na segunda metade do terceiro século da Era Comum, registrada por Eusébio, ainda se mostra coerente. Ele argumentou que o nome “João” era muito comum entre os antigos seguidores de Jesus. Em Éfeso havia duas tumbas com esse nome. Sendo assim, o autor pode não ter sido o apóstolo, mas outro João qualquer: “Portanto, não contradirei que ele se chamava João e que este livro é de João. Porque estou de acordo de que é obra de um homem santo e inspirado por Deus. Mas eu não poderia concordar facilmente em que este fosse o apóstolo, o filho de Zebedeu e irmão de Tiago, de quem é o Evangelho intitulado de João e a carta católica” (Hist. Ecl. VII, XXV, 7). Ele acrescentou ainda que, numa comparação do Apocalipse com as demais obras atribuídas ao apóstolo João, notava-se uma grande diferença de forma e conteúdo. Outras sugestões apareceram, ligando a obra a uma figura denominada João, o Presbítero, ou mesmo João Batista, mas nenhuma conseguiu se impor na pesquisa⁶.

À vista disso, poucas afirmações sobre a autoria do Apocalipse são obtidas a partir das evidências internas desse texto bíblico. Assim, Valtair Miranda argumenta que em quatro ocasiões nesse livro, o autor intitula-se como

⁴OSBORNE, G. *Apocalipse: Comentário Exegético*, p. 2.

⁵OSBORNE, G. *Apocalipse: Comentário Exegético*, p. 2.

⁶MIRANDA, V. *O Caminho do Cordeiro*, p. 16.

“João” (Ap 1.1, 4, 9; 22.8), o que indica que ele era conhecido dos seus destinatários e que a sua obra não era pseudônima⁷.

Ele também se apresenta como irmão e companheiro da sua audiência (Ap 1.9), indicando que era bem conhecido dos receptores desse texto. Outra evidência interna aponta que sua origem era judaica-palestina, em decorrência do uso que ele fazia da Escritura judaica, da geografia palestina, do Templo de Jerusalém e do culto judaico também. Além desses indícios, o escritor do Apocalipse poderia ter residido em Jerusalém, tendo fugido dessa cidade antes da sua invasão e destruição pelos romanos no ano 70 de nossa era⁸.

Esse “João” define sua mensagem como “profética” (Ap 1.3; 22.7,10,18), a despeito de não se designar como um “profeta”. Segundo Valtair Miranda, ele discorre sobre a sua experiência profética de modo muito parecido com os profetas veterotestamentários (Is 6.1-13; Jr 1.4-10; Ez 2.8-3.27). Conseqüentemente, tal postura aponta para alguém com uma autoridade profética. Por fim, esse autor revela-se como seguidor de Jesus (Ap 1.9), do qual recebeu a sua revelação, mesmo que ela tenha sido intermediada por anjos (Ap 1.1)⁹.

2.3-As Características Literárias do Apocalipse

Para Craig L. Blomberg, o livro de Apocalipse é definido como um texto em que há uma combinação de três gêneros judaicos e greco-romanos, a saber: *a literatura profética, o gênero epistolar e a literatura apocalíptica*¹⁰.

Sobre um texto de cunho profético, em cinco momentos (Ap 1.3; 22.7, 10, 18-19), João declara seu texto como *profético*, bem como qualifica a sua atividade como *profética* (Ap 10.11; 19.10; 22.6,9)¹¹. Segundo Michael J. Gorman, popularmente, o Apocalipse é definido como um livro profético que prediz o fim do mundo. A perspectiva mais conhecida do Apocalipse, intitulada dispensacionalismo¹², tanto cria como reforça essa visão.

⁷MIRANDA, V. *Revelação*, p. 57.

⁸MIRANDA, V. *Revelação*, p. 57.

⁹MIRANDA, V. *Revelação*, p. 57-58.

¹⁰BLOMBERG, C. L. *Introdução de Atos a Apocalipse*, p. 665.

¹¹GORMAN, M. J. *Lendo Apocalipse com Responsabilidade*, p. 43.

¹²“(…) Movimento teológico iniciado no século 19, o dispensacionalismo sustenta que a história é dividida em diversas eras, ou dispensações, e que cada dispensação é definida por como Deus trata com a humanidade. Com respeito à escatologia, o dispensacionalismo inclui a doutrina do arrebatamento, ou a ida dos verdadeiros crentes para o céu antes do retorno de Cristo: conceito desconhecido na doutrina cristã antes do século 19. O dispensacionalismo popular, difundido por

(...) Na tradição bíblica, porém, profecia não consiste exclusivamente, ou mesmo principalmente, em fazer anúncios e previsões acerca do futuro. Profetizar é, mais propriamente, falar palavras de consolo e/ou exortação, em nome de Deus, para o povo de Deus, em seu contexto histórico concreto. Os profetas do Antigo Testamento eram convocados por Deus, por vezes no contexto de uma experiência visionária (veja Isaías 6 e Ezequiel 1), para proclamar a mensagem que lhes era entregue, geralmente na forma de vários oráculos, os quais eram posteriormente registrados por escrito. Deus, porém, também lhes dava eventualmente visões, não raro, em linguagem poética ou simbólica. Independente da forma, a mensagem podia ser de juízo ou de salvação (para eles ou para seus opressores) – e geralmente atendia as duas funções¹³.

Então, como profecia, Michael J. Gorman afirma que o Apocalipse deveria ser considerado como uma literatura antiassimilacionista e antitransigentista, bem como uma literatura de resistência. Nesse aspecto, o último livro neotestamentário é uma crítica profética completa ao sistema de poder imperial romano¹⁴.

Além disso, o autor supracitado argumenta que um dos principais propósitos proféticos desse livro é lembrar a igreja do primeiro século de nossa era, como a igreja atual, de não ceder às imposições ou práticas de um sistema que já foi julgado por Deus e está prestes a chegar ao fim¹⁵.

Como *gênero epistolar*, Richard Bauckham afirma que o Apocalipse se apresenta como uma forma de carta, uma vez que Ap 1.4-5a seguem a forma convencional de abertura de epístola adotada pelo apóstolo Paulo e outros líderes cristãos primitivos: há uma declaração do escritor e dos destinatários, seguida por uma saudação¹⁶.

Conforme esse autor, existem algumas diferenças em relação à forma do texto epistolar paulino, todavia o formato da carta cristã do primeiro século de nossa era é confirmado no final do livro em Ap 22.21, que é equiparado às

obras que foram sucessos de vendas, como a *Bíblia de estudo Scofield*, as obras de Hal Lindsey (p. ex., *A agonia do grande planeta Terra*) e, mais recentemente, a série de livros e filmes *Deixados para trás*, de Tim LaHaye e Jerry Jenkins, interpretam que Apocalipse retrata, de forma literal e linear, o curso de eventos históricos. Leitores dispensacionalistas entendem que Apocalipse descreve a ressurreição de Cristo (cap. 1); a era da igreja, dos apóstolos até a atualidade (caps. 2 e 3); o arrebatamento da igreja na terra e para fora da história (4.1); a igreja no céu (começando com os caps. 4 e 5); os sete anos de tribulação na terra (caps. 6-18); a segunda vinda de Cristo, seu reinado literal de mil anos, o juízo final (caps. 19 e 20); e a eternidade, o novo céu e a nova terra (caps. 21 e 22)". GORMAN, M. J. *Lendo Apocalipse com Responsabilidade*, p. 43-44.

¹³GORMAN, M. J. *Lendo Apocalipse com Responsabilidade*, p. 44.

¹⁴GORMAN, M. J. *Lendo Apocalipse com Responsabilidade*, p. 46.

¹⁵GORMAN, M. J. *Lendo Apocalipse com Responsabilidade*, p. 46.

¹⁶BAUCKHAM, R. *A Teologia do Livro de Apocalipse*, p. 14.

conclusões de boa parte das epístolas do apóstolo dos gentios. Nesse aspecto, o Apocalipse parece ser uma profecia apocalíptica nos moldes de uma carta circular às sete igrejas na província da Ásia Menor¹⁷.

3)O APOCALIPSE COMO UMA LITERATURA APOCALÍPTICA.

Além da profecia e do gênero epistolar, como discurremos anteriormente, o Apocalipse também contém a literatura apocalíptica em sua composição textual. Segundo Woodrow Ward Gasque¹⁸, a “literatura apocalíptica” caracteriza-se por ser um gênero textual judaico e cristão oriundo do começo da Era Cristã, da qual a maior parte se desenvolveu, aproximadamente, entre os anos 200 a. C. e 100 d. C., no contexto do judaísmo do segundo templo.

Assim, Woodrow Ward Gasque afirma que esses textos trazem, no seu bojo, “visões ou revelações” – motivo pelo qual o uso do termo “apocalíptica”, que é oriundo do grego ἀποκάλυψις (*apokalypsis* ou “apocalipse”) – cujo significado é uma “revelação ou um desvendar de Deus.” Conseqüentemente, John Collins designa a literatura apocalíptica como

(...) um gênero de literatura revelatória com estrutura narrativa, no qual a revelação a um receptor humano é mediada por um ser sobrenatural, desvendando uma realidade transcendente que tanto é temporal, na medida em que vislumbra salvação escatológica, quanto espacial, na medida em que envolve outro mundo, sobrenatural¹⁹.

Tendo em vista essa definição, no que concerne à literatura apocalíptica e à sua relação com o livro de Apocalipse de João, Woodrow Ward Gasque²⁰ argumenta que o simbolismo desse último texto do cânon do Novo Testamento é oriundo de três fontes, a saber: o Antigo Testamento – a fonte principal²¹; a vida contemporânea na província romana da Ásia Menor (notadamente nos capítulos 1-3, contudo, no restante desse livro também) e os símbolos da literatura apocalíptica judaica que o livro de Apocalipse comunga/compartilha.

Como uma *literatura apocalíptica*, nos termos supracitados de John Collins, esse último livro do Novo Testamento pode assim ser definido, porque

(...) O livro de Apocalipse de João é considerado o modelo para a definição do gênero em virtude dos seus primeiros versos (Ap 1.1-3) apresentarem uma estrutura típica: (1) uma revelação dada por Deus,

¹⁷BAUCKHAM, R. *A Teologia do Livro de Apocalipse*, p. 14.

¹⁸GASQUE, W. W. *Literatura Apocalíptica*, p. 989.

¹⁹COLLINS, J. J. *A Imaginação Apocalíptica*, p. 22.

²⁰GASQUE, W. W. *Literatura Apocalíptica*, p. 993.

²¹OSBORNE, G. R. *Apocalipse: Comentário Exegético*, p. 28.

(2) que utiliza um mediador, (3) para trazer uma mensagem a um visionário e, (4) sobre eventos futuros²².

Desse modo, a partir da definição acima de Silveira, o livro do Apocalipse pertence ao mesmo gênero literário intitulado como “literatura apocalíptica”. Consequentemente, segundo George Eldon Ladd, muitos estudiosos defendem a tese de que o Apocalipse está no mesmo nível de apocalipses judaicos como *Enoque*, *A Assunção de Moisés*, *IV Esdras*, *O Apocalipse de Baruque* e outros. Assim, do estudo desse gênero textual podemos extrair, de acordo com George Ladd, diretrizes distintas que nos auxiliam a interpretar o último livro das Sagradas Escrituras²³.

Então, esse conjunto literário definido como “literatura apocalíptica” apresenta semelhanças no sentido do que dizem ser revelações de eventos desconhecidos ao homem, de fazerem uso de sonhos, visões, simbologias bizarras e fantásticas, bem como na questão de fundo desse gênero textual, isto é, o fim do mundo e a vinda do Reino de Deus. Há, também, para George Eldon Ladd, uma adesão comum a um tipo “apocalíptico”, ou seja, um tipo catastrófico cósmico de escatologia²⁴.

Quanto ao consenso sobre a definição do que são os textos cunhados como “obras apocalípticas”, Miranda afirma que algumas características apontam para a definição desse gênero textual, visto que há uma

(...) intensa dedicação à Escritura e ao culto religioso; grande movimentação de personagens celestiais, como anjos e demônios; inspiração e dependência de obras das Escrituras hebraicas, como Ezequiel, Zacarias e Isaías; tradição manuscrita. Ao contrário de alguns livros da Bíblia que primeiro foram pregados e transmitidos oralmente, para depois virem a ser escritos, a literatura apocalíptica é essencialmente textual, no que poderia ser definido como um movimento escribal; figuras fantasiosas que não existem na realidade concreta, onde predominam imagens de animais com inúmeros chifres, monstros assustadores, homens e mulheres gigantes; muitos símbolos, visões e narrativas dramáticas; um acentuado interesse pelo mundo celeste, pelo curso da história, pelo destino do mundo, pelo fim dos homens e mulheres; estes livros afirmam que suas mensagens vieram até seus autores por revelação direta de Deus através de sonhos e visões. Quase sempre existe o intermédio de um mensageiro sobrenatural, na figura de um ser angelical²⁵.

²²SILVEIRA, L. S. *Questões Centrais de Apocalíptica Judaica*, p. 88.

²³LADD, G. *Apocalipse. Introdução e Comentário*, p.17-18.

²⁴LADD, G. *Apocalipse. Introdução e Comentário*, p.18.

²⁵MIRANDA, V. *O que é Escatologia?*, p. 16-17.

Por fim, para reforçar a relação estreita do Apocalipse de João com a literatura apocalíptica judaica, Bauckham²⁶ argumenta que o último livro da Bíblia pertence a essa tradição literária apocalíptica, em função de dois aspectos, os quais ele destaca como os mais relevantes, a saber:

(1)Esse texto comunica uma revelação transcendental sobre esse mundo, bem como é profético no que diz respeito à abordagem de uma situação espaço-temporal concreta – os cristãos da região romana da Ásia Menor no final do 1º século d. C. – e ao trazer para os destinatários desse texto uma palavra visionária da parte de Deus, permitindo-lhes discernir o propósito divino em sua condição e responder à sua situação de uma forma adequada a esse objetivo. Essa comunicação contextual do propósito de Deus é típica da tradição profética bíblica. Mas, o texto desse visionário também é apocalíptico, uma vez que possibilita que sua audiência veja sua situação como uma visão profética do propósito do Senhor revelando o conteúdo de uma previsão na qual João é levado deste mundo para as regiões celestiais para vê-lo de modo distinto;

(2)o Apocalipse de João aproxima-se da tradição da literatura apocalíptica, porque ele defende a questão que esteve por trás desse gênero textual judaico: quem é o Senhor sobre o mundo? Consoante Bauckham, a resposta para essa questão sempre foi essencialmente que, apesar das aparências, é Deus quem governa sua criação e está chegando o momento em que destruirá os impérios do mal e estabelecerá seu Reino.

Assim, o Apocalipse de João comunga/compartilha formas importantes dessa questão de fundo, apontando para o fato do domínio de Deus estar, aparentemente, em oposição ao domínio do Império Romano, o qual soberbamente afirma ter o “governo divino” do mundo²⁷.

Logo, quem é realmente o Senhor do universo? Esse texto do Novo Testamento prevê a crise escatológica, quando esse contexto atingirá seu ápice para depois ser resolvido no momento do triunfo do Senhor sobre todo o mal e no estabelecimento de seu reinado eterno. Nesse sentido, de acordo com Miranda,

(...) A literatura apocalíptica é uma literatura que nasce primariamente em tempo de perseguição. Essa origem histórica marcou função social, pelo menos no início. Daí sua função de provocar resistência, coragem

²⁶BAUCKHAM, R. *A Teologia do Livro de Apocalipse*, p. 19-20.

²⁷BAUCKHAM, R. *A Teologia do Livro de Apocalipse*, p. 21.

e esperança. Quando fala do fim do mundo, não deseja simplesmente descrever a última etapa da história, mas sim desenhar o momento em que a mão forte de Deus estará presente, ao lado dos oprimidos, para levá-los à vitória contra os opressores. Ou seja, mesmo quando fala do futuro, é no presente que ela deseja influir. Interesse gratuito pelo futuro não passaria de especulação alienante. São obras que, de certa forma, podem ser encaradas como literatura de subversão, já que, através da fé, anima os leitores, na certeza de que Deus está do lado dos seus filhos e filhas. Obras como o Apocalipse de João são um brado de protesto, de desespero, de esperança. Esperança para os desesperançados. Elas revelam, desocultam a presença libertadora de Deus na história. Presença essa que para a maioria dos olhares era invisível. Dessa forma, são obras que se apresentam como juízo para os inimigos de Deus e boas novas para seus filhos. O autor apocalíptico busca reconstruir a autoestima do povo perseguido dando-lhes uma visão das coisas celestiais e do juízo divino. Exatamente por isso, a crítica das instituições políticas e religiosas está presente na grande maioria dos apocalipses²⁸.

No caso dos capítulos 4-5 desse livro, sobre os quais iremos nos debruçar nos próximos itens deste trabalho, ficam evidentes os traços marcantes da “literatura apocalíptica”, conforme Miranda²⁹ aponta, isto é: a partir das visões que João recebe do mundo celestial; a intensa dedicação a um culto religioso; a movimentação de seres celestiais/angelicais; a relação com textos do Antigo Testamento; o relato de figuras fantasiosas; visões e narrativas surpreendentes; a existência de um intermediário de um mensageiro sobrenatural, através de um ser angelical.

4)A LITERATURA APOCALÍPTICA NO TEXTO DE APOCALIPSE 4-5

Inicialmente, apresentaremos, no quadro a seguir, o texto de Apocalipse 4-5 no original e a sua tradução³⁰:

Quadro 1 – Quadro comparativo do Ap 4-5 com a sua tradução

<i>Texto Grego de Ap 4-5</i>	<i>Tradução de Ap 4-5</i>
<p>4,¹Μετὰ ταῦτα εἶδον, καὶ ἰδοὺ θύρα ἠνεωγμένη ἐν τῷ οὐρανῷ, καὶ ἡ φωνὴ ἡ πρώτη ἦν ἤκουσα ὡς σάλπιγγος λαλοῦσης μετ’ ἐμοῦ λέγων, Ἀνάβα ὧδε, καὶ δείξω σοι ἃ δεῖ γενέσθαι μετὰ ταῦτα. ²εὐθέως ἐγενόμην ἐν πνεύματι, καὶ ἰδοὺ θρόνος ἔκειτο ἐν τῷ οὐρανῷ, καὶ ἐπὶ τὸν θρόνον καθήμενος, ³καὶ ὁ καθήμενος ὅμοιος ὀράσει λίθῳ ἰάσπιδι καὶ σαρδίῳ, καὶ ἵρις κυκλόθεν τοῦ θρόνου ὅμοιος ὀράσει σμαραγδίνῳ. ⁴καὶ κυκλόθεν τοῦ θρόνου θρόνους εἴκοσι τέσσαρες, καὶ ἐπὶ τοῦς θρόνοθς εἴκοσι τέσσαρας</p>	<p>4, ¹Depois de estas coisas vi, e eis (uma) porta aberta em o céu, e a voz a primeira a qual ouvi como trombeta falando comigo dizendo (ele): Sobe até aqui, e mostrarei a ti as coisas que devem acontecer depois de estas coisas. ²Imediatamente estive em (o)Espírito e eis (um) trono colocado em o céu, e sobre o trono (um) assentado, ³e o assentado semelhante em aparência a pedra (de) jaspe e (de) sardônico, e (um) arco-íris ao redor de o trono semelhante em aspecto a esmeralda. ⁴E ao redor de o</p>

²⁸MIRANDA, V. *O que é Escatologia?*, p. 17-18.

²⁹MIRANDA, V. *O que é Escatologia?*, p. 16-17.

³⁰BÍBLIA NOVO TESTAMENTO. *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*, p. 905-909.

πρεσβυτέρους καθημένους περιβεβλημένους ἐν ἱματίοις λευκοῖς καὶ ἐπὶ τὰς κεφαλὰς αὐτῶν στεφάωους χρυσοῦς. ⁵καὶ ἐκ τοῦ θρόνον ἐκπορεύονται ἀστραπαὶ καὶ φωναὶ καὶ βρονταί, καὶ ἑπτὰ λαμπάδες πυρὸς καίόμεναι ἐνώπιον τοῦ θρόνου, ἃ εἰσιν τὰ ἑπτὰ πνεύματα τοῦ θεοῦ, ⁶καὶ ἐνώπιον τοῦ θρόνου ὡς θάλασσα ὑαλίνη ὁμοία κρυστάλλῳ. Καὶ ἐν μέσῳ τοῦ θρόνου καὶ κύκλῳ τοῦ θρόνου τέσσαρα ζῶα γεμοντα ὀφθαλμῶν ἔμπροσθεν καὶ ὀπισθεν. ⁷καὶ τὸ ζῶον τὸ πρῶτον ὅμοιον λέοντι καὶ τὸ δεύτερον ζῶον ὅμοιον μόσχῳ καὶ τὸ τρίτον ζῶον ἔχον τὸ πρόσωπον ὡς ἀνθρώπου καὶ τὸ τέταρτον ζῶον ὅμοιον ἀετῶ πετομένῳ. ⁸καὶ τὰ τέσσαρα ζῶα, ἐν καθ' ἑν αὐτῶν ἔχον ἀνά πτέρυγας ἕξ, κυκλόθεν καὶ ἔσωθεν γέμουσιν ὀφθαλμῶν, καὶ ἀνάπαυσιν οὐκ ἔχουσιν ἡμέρας καὶ νυκτὸς λεγοντες,

Ἄγιος ἄγιος ἄγιος

κύριος ὁ θεὸς ὁ παντοκράτωρ,

ὁ ἦν καὶ ὁ ὢν καὶ ὁ ἐρχόμενος.

⁹καὶ ὅταν δώσουσιν τὰ ζῶα δόξαν καὶ τιμὴν καὶ τιμὴν καὶ εὐχαριστίαν τῷ καθημένῳ ἐπὶ τῷ θρόνῳ τῷ ζῶντι εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων, ¹⁰πεσοῦνται οἱ εἴκοσιν τέσσαρες πρεσβύτεροι ἐνώπιον τοῦ καθημένου ἐπὶ τοῦ θρόνου καὶ προσκυνήσουσιν τῷ ζῶντι εἰς τοὺς αἰῶνας καὶ βαλοῦσιν τοὺς στεφάωους αὐτῶν ἐνώπιον τοῦ θρόνου λέγοντες, ¹¹Ἄξιος εἶ, ὁ κύριος καὶ ὁ θεὸς ἡμῶν, λαβεῖν τὴν δόξαν καὶ τὴν τιμὴν καὶ τὴν δύναμιν, ὅτι σὺ ἔκτισας τὰ πάντα καὶ διὰ τὸ θέλημά σου ἦσαν καὶ ἐκτίσθησαν.

5, ¹Καὶ εἶδον ἐπὶ τὴν δεξιὰν τοῦ καθημένου ἐπὶ τοῦ θρόνου βιβλίον γεγραμμένον ἔσωθεν καὶ ὀπισθεν κατεσφραγισμένον σφραγῖσιν ἑπτὰ. ²Καὶ εἶδον ἄγγελον ἰσχυρὸν κηρύσσοντα ἐν φωνῇ μεγάλῃ, Τίς ἄξιος ἀνοῖξει τὸ βιβλίον καὶ λῦσαι τὰς σφραγίδας αὐτοῦ; ³καὶ οὐδεὶς ἐδύνατο ἐν τῷ οὐρανῷ οὐδὲ ἐπὶ τῆς γῆς οὐδὲ ὑποκάτω τῆς γῆς ἀνοῖξει τὸ βιβλίον οὔτε βλέπειν αὐτό. ⁴καὶ ἔκλαιον πολὺ, ὅτι οὐδεὶς ἄξιος εὐρέθη ἀνοῖξει τὸ βιβλίον οὔτε βλέπειν αὐτό. ⁵καὶ εἷς ἐκ τῶν πρεσβυτέρων λέγει μοι, Μὴ κλαῖε, ἰδοὺ ἐνίκησεν ὁ λέων ὁ ἐκ τῆς φυλῆς Ἰουδα, ἡ ρίζα Δαυὶδ, ἀνοῖξει τὸ βιβλίον καὶ τὰς ἑπτὰ σφραγίδας αὐτοῦ. ⁶Καὶ εἶδον ἐν μέσῳ τοῦ θρόνου καὶ τῶν τεσσάρων ζῶων καὶ ἐν μέσῳ τῶν πρεσβυτέρων ἄρνιον ἑστηκὸς ὡς ἐσφαγέον ἔχον κέρατα ἑπτὰ καὶ ὀφθαλμοὺς ἑπτὰ οἳ εἰσιν τὰ [ἑπτὰ] πνεύματα τοῦ θεοῦ ἀπεσταλμένοι εἰς πᾶσαν τὴν γῆν. ⁷καὶ ἦλθεν καὶ εἴληφεν ἐκ τῆς δεξιᾶς τοῦ καθημέου ἐπὶ τοῦ θρόνου. ⁸καὶ ὅτε ἔλαβεν τὸ βιβλίον, τὰ τέσσαρα ζῶα καὶ οἱ εἴκοσι τέσσαρες πρεσβύτεροι ἔπεσαν ἐνώπιον τοῦ ἄρνιου ἔχοντες ἕκαστος κιθάραν καὶ ψάλτας χρυσοῦς γεμούσας θυμιαμάτων, αἳ εἰσιν αἱ προσευχαὶ τῶν ἁγίων, ⁹καὶ ᾄδουσιν ᾠδὴν καινὴν λέγοντες, Ἄξιος εἶ λαβεῖν τὸ βιβλίον καὶ ἀνοῖξει τὰς σφραγίδας αὐτοῦ, ὅτι ἐσφάγης καὶ ἠγόρασας τῷ θεῷ ἐν τῷ αἵματί σου ἐκ πάσης φυλῆς καὶ γλώσσης καὶ λαοῦ καὶ ἔθνους ¹⁰καὶ ἐποίησας

trono tronos[3] vinte[1] (e) quatro anciãos assentados vestidos com vestes brancas e sobre as cabeças deles coroas douradas. ⁵E de o trono saem relâmpagos e vozes e trovões, e sete tochas de fogo queimando diante de o trono os quais são os sete espíritos de Deus, ⁶E diante de o trono como (um) mar de vidro semelhante a cristal. E em meio de o trono e ao redor de o trono quatro seres viventes cheios de olhos por diante e por detrás. ⁷E o ser vivente o primeiro semelhante a leão e o segundo ser vivente semelhante a novilha e o terceiro ser vivente tendo o rosto como de ser humano e o quarto ser vivente semelhante a águia voando. ⁸E os quatro seres viventes um por um deles tendo cada um asas[2] seis[1], ao redor e por dentro cheios de olhos, e descanso não têm de dia e de noite dizendo:

Santo, santo, santo (é)

(o) Senhor Deus Todo-poderoso,

O que era e o que é e o que vem.

⁹E quando darão os seres vivos glória e honra e ação de graças ao assentado sobre o trono ao que vive para os séculos dos séculos, ¹⁰cairão os vinte (e) quatro anciãos diante de o assentado sobre o trono e adorarão o que vive para os séculos dos séculos e lançarão as coroas deles diante de o trono dizendo:

¹¹Digno és, Senhor e Deus nosso, de receber a glória e a honra e o poder, porque tu criaste todas as coisas e por causa de a vontade tua existiram e foram criadas.

5, ¹E vi em a (mão) direita do assentado sobre o trono (um) rolo escrito por dentro e por fora (totalmente) selado selos[2] com sete[1]. ²E vi (um) anjo forte proclamando com voz forte: Quem (é) digno de abrir o rolo e desatar os selos dele? ³E ninguém podia em o céu nem sobre a terra nem debaixo de a terra abrir o rolo nem olhar (para) ele. ⁴E (eu) chorava muito, porque ninguém digno[2] foi achado[1] de abrir o rolo nem de olhar (para) ele. ⁵E um de os anciãos diz a mim: Não chores, eis venceu o leão de a tribo de Judá, a raiz de Davi, para abrir o rolo e os sete selos dele. ⁶E vi em meio o trono e dos quatro seres viventes e em meio de os anciãos (um) cordeiro em pé como (que) tendo sido morto tendo chifres sete e olhos sete os quais são os [sete] espíritos de Deus enviados a toda a terra. ⁷E veio e pegou de a (mão) direita do assentado sobre o trono. ⁸E quando pegou o rolo,

os quatro seres viventes e os vinte (e) quatro anciãos caíram diante de o Cordeiro tendo cada um (uma) harpa e taças douradas cheias de incenso(s), as quais são as orações dos santos, ⁹e cantam cântico novo dizendo:

Digno és de tomar o rolo e de abrir os selos dele, porque foste morto e compraste para Deus com o

<p>αὐτοὺς τῷ θεῷ ἡμῶν βασιλείαν καὶ ἱερεῖς, καὶ βασιλεύσουσιν ἐπὶ τῆς γῆς. ¹¹Καὶ εἶδον καὶ ἤκουσα φωνὴν ἀγγέλων πολλῶν κύκλῳ τοῦ θρόνου καὶ τῶν ζώων καὶ τῶν πρεσβυτέρων, καὶ ἦν ὁ ἀριθμὸς αὐτῶν μυριάδες μυριάδων καὶ χιλιάδες χιλιάδων ¹²λέγοντες φωνῇ μεγάλῃ, Ἄξιόν ἐστιν τὸ ἄρνιον τὸ ἐσφαγμένον λαβεῖν τὴν δύναμις καὶ πλοῦτον καὶ σοφίαν καὶ ἰσχὺν καὶ τιμὴν καὶ δοξάν καὶ εὐλογίαν. ¹³καὶ πᾶν κτίσμα ὃ ἐν τῷ οὐρανῷ καὶ ἐπὶ τῆς γῆς καὶ ὑποκάτω τῆς γῆς καὶ ἐπὶ τῆς θαλάσσης καὶ τὰ ἐν αὐτοῖς πάντα ἤκουσα λέγοντας, Τῷ καθημένῳ ἐπὶ θρόνῳ καὶ τῷ ἄρνιῳ ἡ εὐλογία καὶ ἡ τιμὴ καὶ ἡ δοξὰ καὶ τὸ κράτος εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰῶνων. ¹⁴καὶ τὰ τέσσαρα ζῶα ἔλεγον, Ἀμήν. καὶ οἱ πρεσβύτεροι ἔπεσαν καὶ προσεκύνησαν.</p>	<p>sangue teu de toda tribo e língua e povo e nação ¹⁰e fizeste os mesmos para o Deus[2] nosso[1] um reino e sacerdotes, e reinarão sobre a terra. ¹¹e vi, e ouvi voz de anjos muitos ao redor de o trono e dos seres viventes e dos anciãos, e era o número deles miríades de miríades e milhares de milhares ¹²dizendo com voz forte: Digno é o Cordeiro, o que foi morto, de receber o poder e riqueza e sabedoria e força e honra e glória e louvor. ¹³E toda criatura em o céu e sobre a terra e debaixo de a terra e sobre o mar e as (criaturas) em eles todas ouvi dizendo: Ao assentado sobre o trono e ao Cordeiro o louvor e a honra e a glória e o poder para os séculos dos séculos. ¹⁴E os quatro seres viventes diziam: Amém. E os anciãos caíram e adoraram.</p>
---	---

Fonte: BÍBLIA NOVO TESTAMENTO. Novo Testamento Interlinear Grego-Português, p. 905-909.

4.1-A Teologia Contida em Apocalipse 4-5

Após a seção epistolar desse livro, os capítulos 4-5 de Apocalipse formam um “bloco”, visto que apresentam o mesmo tema unificador: o “trono” – *θρόνον* (*thronom*) – (Ap 4.2-6,9-10; 5.1,6-7,11,13)³¹ e neles há também traços característicos da literatura apocalíptica. Miranda define esses capítulos como “a seção do culto no céu”³².

Vale também destacarmos a intertextualidade³³ presente nesses capítulos, uma vez que eles se aproximam do Antigo Testamento, notadamente, de Isaías 6, Ezequiel 1 e Daniel 7. No capítulo 4, a soberania e a majestade de Deus são centrais e a adoração é evidenciada³⁴.

³¹OSBORNE, G. R. *Apocalipse. Comentário Exegético*, p. 245. “(...) Segundo Chester, a palavra ‘trono’ ocorre dezenove vezes nos capítulos 4 e 5. A humanidade está na periferia. No centro está o trono de Deus cercado pela adoração no céu. Nós não somos o centro do mundo, nem mesmo de nossa própria vida. Deus está no centro”. CHESTER, T. *Apocalipse para Você*, p. 58.

³²MIRANDA, V. *O Caminho do Cordeiro*, p. 103.

³³“(...) [A] Intertextualidade é um conceito desenvolvido no século XX na área da literatura e linguística, que vem sendo trabalhado no debate sobre a forma como os textos são produzidos. Ele pode ser explicado, de maneira bem direta, como o uso de um texto em outro texto, seja pela citação – quando o texto usado é citado de forma direta – ou pela alusão – quando o texto usado é apenas mencionado de forma indireta – e em ambos os casos pode ou não haver a indicação da fonte. Eu acrescentaria um terceiro aspecto da intertextualidade, mais difícil de se perceber na comparação de textos, mas igualmente importante: da presença de ideias semelhantes em dois textos diferentes”. CARNEIRO, M. S. *Os livros conversam entre si: a intertextualidade no estudo da Bíblia*, p. 206.

³⁴OSBORNE, G. R. *Apocalipse. Comentário Exegético*, p. 245.

Assim, como destacam Silveira e Godoi³⁵, a perspectiva litúrgica apresenta-se por todo o último livro do Novo Testamento³⁶. Todavia, encontramos o ápice dela nos capítulos 4 e 5 do Apocalipse, visto que as terminologias empregadas apontam para um contexto de louvor e adoração a Deus no capítulo 4 e ao Cordeiro no capítulo 5.

Nesse aspecto, essa seção é iniciada quando João acessa, através de uma porta aberta no céu, o Templo celestial, onde ele se depara com o trono de Deus (Ap 4.1-2)³⁷. Para Osborne, duas cenas apocalípticas convergem, a saber: a porta e o céu aberto³⁸. Portanto, a jornada apocalíptica para o céu é certamente intencional. O *tour* celestial é recorrente na literatura apocalíptica, em que a ênfase denota a presença de Deus e o poder escatológico da cena.

Então, devido à importância do trono de Deus, tudo gira em torno Dele: os vinte quatro anciãos assentados com suas roupas brancas e coroas na cabeça e quatro criaturas/viventes, todos envolvidos em atos de liturgia, adorando o ancião que se assenta no trono.

Os quatro viventes continuamente adoram a Deus, como demonstra (Ap 4.8), o que também nos remete ao texto de (Is 6.3): “(...) *Santo, santo, santo é o Senhor Deus o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir*”. Consequentemente, para Osborne, as quatro criaturas conduzem a adoração litúrgica e enaltecem três atributos de Deus: a Sua santidade, a Sua onipotência e a Sua eternidade, com um triplo “Santo, santo, santo” – Ἅγιος (hagios)³⁹.

Segundo Miranda⁴⁰, nesse contexto em que os quatro viventes cantam o “tríplice santo”, os vinte e quatro anciãos prostam-se diante Daquele que está assentado no trono, depositando aos Seus pés, as suas coroas de ouro, adorando-o (Ap 4.9-11).

³⁵SILVEIRA, L. S. & GODOI, M. *O Caráter Litúrgico do Apocalipse*, p. 33.

³⁶ Ap 4.8-11; 5.9-14; 7.9-12; 11.15-18; 12.10-12; 15.3-4; 16.5-7 e 19.1-8.

³⁷(...) a visão da sala do trono do capítulo 4 está em contraste proposital com a ‘glória’ do trono de César e, portanto, é uma resposta ao culto ao imperador; a principal fonte de perseguição das sete igrejas e um dos elementos principais do livro como um todo. Os detalhes da cena – a aclamação, as coroas, a adoração do soberano, as fileiras de oficiais – tudo isso era visto na corte de César. Aqui, apenas Deus é verdadeiramente digno disso” .OSBORNE, G. R. *Apocalipse. Comentário Exegético*, p. 242-243.

³⁸(...) A porta para o céu é um símbolo apocalíptico ocasional (3Mc 6.18; 1En 14.10-11;15.14; 104.2; Te Le 5.1; cf também Gn 28.17; Sl 78.23) para o acesso a Deus, bem como para a felicidade eterna”. OSBORNE, G. R. *Apocalipse. Comentário Exegético*, p. 248.

³⁹OSBORNE, G. R. *Apocalipse. Comentário Exegético*, p. 263.

⁴⁰MIRANDA, V. *O Caminho do Cordeiro*, p. 105.

Conforme o autor supracitado, este é um hino de dignidade ao que está assentado no trono. O Senhor é digno em decorrência da Sua obra da criação. Logo, ao afirmar que Deus é digno de receber adoração, honra, poder, o visionário está demonstrando a singularidade do Senhor em meio as pretensões imperiais romanas de adoração⁴¹. De acordo com Miranda, ao afirmar a singularidade do Senhor, o hino também denota a singularidade de seus adoradores⁴².

(...) Assim, a interação entre as igrejas cristãs e a sociedade romana no final do século I e início do século II revela uma complexa rede de influências e tensões. Enquanto líderes como Paulo buscavam um equilíbrio entre adaptação e separação cultural, o *Apocalipse de João evidencia uma visão mais radical, defendendo uma ruptura quase total com as práticas sociais romanas* [visto que somente Deus e o Cordeiro são dignos de louvor e adoração e não Cesar]. Esse contraste reflete não apenas as divergências internas do movimento cristão, mas também os desafios impostos pela diversidade cultural e social do Império Romano [grifo nosso]⁴³.

Então, se o capítulo 4 dignifica ao Senhor, o capítulo 5 também apresenta outro hino de dignidade, desta vez, ao Cordeiro, porque somente Ele é digno, em função da Sua morte sacrificial, de pegar o livro. Conseqüentemente, a adoração ocorre primeiro pelos seres viventes e pelos anciãos, e em seguida de forma antifonal, por toda ordem angelical⁴⁴ (Ap 5.8-14).

Para Miranda⁴⁵, se o Senhor Deus é digno em decorrência da Sua obra da criação, o Cordeiro é digno em função do Seu sacrifício vicário. Somente Ele é digno de abrir os selos; somente Ele venceu a morte. Então, Miranda expõe que, ao inserir a temática da morte do Cordeiro na tradição messiânica davídica, João cobre a esperança messiânica política com aspectos da tradição sacrificial.

(...) Nada poderia ser mais incompreensível. Em vez das poderosas bestas do poder imperial, temos um cordeiro. Em vez de um general vitorioso, temos alguém que foi morto. Em vez de poder, glória e sabedoria do império, temos a fraqueza, a vergonha e a loucura da cruz (1Co 1.18-2.5). Mas foram a insensatez e a fraqueza da cruz que

⁴¹(...) O capítulo 4 está cheio de imagens políticas – tronos, coroas, animais imperiais (lembrese de que, em relação ao império, João é um prisioneiro político). Mas tudo isso está subordinado a Deus. Os 24 anciãos descem de seus tronos e tiram suas coroas para se curvarem diante do trono de Deus. A visão está cheia de ecos das visões de Ezequiel 1 e Daniel 7. Ambas as visões remetem à ‘Babilônia’ simbólica do Império Romano.(...) [Portanto], A adoração no céu em Apocalipse 4 é a resposta de João ao culto imperial. O capítulo é estruturado para direcionar nossa atenção àquele que está no centro: Deus. Ele está no centro do culto celestial e está no centro da história humana”. CHESTER, T. *Apocalipse para Você*, p. 62-63.

⁴²MIRANDA, V. *O Caminho do Cordeiro*, p. 106.

⁴³MIRANDA, V. *Fé e Poder: A História do Cristianismo Antigo e Medieval*, p. 60.

⁴⁴OSBORNE, G. R. *Apocalipse. Comentário Exegético*, p. 288.

⁴⁵MIRANDA, V. *O Caminho do Cordeiro*, p. 109.

venceram. O Rei reina a partir da cruz. O cordeiro tem toda a força (simbolizada por sete chifres) e todo o conhecimento (sete olhos), e está totalmente presente (os sete Espíritos ou Espírito sétuplo) (Ap 5.6). Ele recebe o louvor dos céus porque, por meio de seu sangue, ele resgatou o povo para Deus⁴⁶.

A conclusão da cena celestial de Apocalipse 5 termina com um novo ato de prostração e adoração dos anciãos (Ap 5.13-14)⁴⁷. Segundo Miranda⁴⁸, o verbo usado no Apocalipse para “adoração” é predominantemente *proskuneo* (προσκυνηο). Ele surge 60 vezes no Novo Testamento, contudo, em nenhum outro texto neotestamentário tem a relevância como no Apocalipse de João.

Nesse livro, ele aparece 24 vezes, indicando como a temática da adoração é nodal para o vidente. Tal termo aponta para prostração, atitude de submissão e homenagem, postura que será repetida várias vezes.

Segundo Ladd⁴⁹, estamos diante de um contexto que exhibe o senhorio universal de Cristo, “(...) *para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para a glória de Deus Pai*” (FI 2.10-11)⁵⁰. Assim, “(...) *Deus achou por bem que, nele residisse toda a plenitude e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus*” (CI 1.19-20)⁵¹.

Portanto, o culto e a adoração prestados por toda a criação não é um louvor da própria redenção, como também não é o cântico dos quatro seres e dos anciãos. Segundo o autor supracitado, esse cenário denota a certeza de que, por intermédio de Jesus, Deus restabelecerá a ordem e a paz neste universo caído por conta do pecado dos nossos pais no Éden.

4.2-A Relação do Ap 4-5 com a Literatura Apocalíptica

⁴⁶CHESTER, T. *Apocalipse para Você*, p. 66.

⁴⁷“(...) [A] força emocional do capítulo 5 é que a conquista por meio da morte é a vitória *real*. O Cordeiro recebe a aclamação do céu. ‘E cantavam em alta voz: “Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor” (v.12). Toda a criação retoma o REFRÃO nos versículos 13 e 14. Esse não é um jogo de palavras. Trata-se da realidade. O ‘fracasso’ da cruz acaba por ser tornar o ponto de virada da história e o foco da adoração no céu. O sofrimento leva à vitória”. CHESTER, T. *Apocalipse para Você*, p. 66.

⁴⁸MIRANDA, V. *O Caminho do Cordeiro*, p. 111.

⁴⁹LADD, G. *Apocalipse. Introdução e Comentário*, p. 71.

⁵⁰BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada (Nova Almeida Atualizada)*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, p. 1288.

⁵¹BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada (Nova Almeida Atualizada)*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, p. 1291.

Conforme Paulo Nogueira⁵², o texto de Apocalipse 4-5 apresenta-se como uma viagem celestial, em que o visionário dá um passo a mais na experiência do recebimento dessa revelação (*apokalypsis*), num contexto narrativo totalmente distinto dos três primeiros capítulos desse último livro do Novo Testamento.

Segundo esse autor, os apocalipses não se remetem apenas à história e à sua periodização, à crítica dos impérios dominantes, mas também tais textos apontam para um mundo de espiritualidade e contemplação de Deus e dos seres angelicais que o servem⁵³.

Nesse sentido, um diálogo relevante da literatura apocalíptica com os textos de Apocalipse 4-5 pode ser estabelecido entre o contexto do “céu aberto” (ou “as portas do céu abertas” em Ap 4.1 – θύρα ἠνεωγμένη ἐν τῷ οὐρανῷ) e *1Enoque*⁵⁴, notadamente no *Livro dos Vigilantes (1Enoque 1-36)*, em que há uma descrição das portas celestiais nos quatro pontos cardeais, bem como manifestações de louvor e adoração pelas grandes obras do Senhor na sua criação:

(...) 33 ¹Dali eu fui mais em frente, até os confins da terra; lá eu vi animais de grande porte, todos diferentes uns dos outros; também pássaros que divergiam na aparência, beleza e voz, igualmente diferentes uns dos outros. Mais ao leste de onde estavam esses animais eu vi os extremos da terra, sobre os quais repousa o céu da terra; os portais do céu estavam abertos. ²Eu vi as estrelas do céu se aproximarem, contei os portões por onde elas apareciam, anotei a saída de todas, e em relação a todas anotei especialmente o número, o nome, as conexões, as posições, os períodos e meses, tudo segundo me mostrava o anjo Uriel, que estava comigo. Ele mostrava-me tudo, transcrevendo ao mesmo tempo; transcreveu para mim o nome de cada uma delas e suas leis; bem como as suas acompanhantes. (...)
35 ¹Dali tomei o rumo do Ocidente, até os confins da terra; nesse lugar

⁵²NOGUEIRA, P. *Religião e Poder no Cristianismo Primitivo*, p. 18-19.

⁵³NOGUEIRA, P. *Religião e Poder no Cristianismo Primitivo*, p. 27.

⁵⁴(...) O *Livro de Enoque* é uma coleção composta de pelo menos cinco composições separadas que foram agrupadas. Esses componentes são os seguintes: (1) o *Livro dos Vigias* (1En 1-36); (2) as *Similitudes de Enoque* (1En 37-71); (3) o *Livro Astronômico* (1En 72-82); (4) as *Visões do Sonho* (1En 83-90); (5) a *Epístola de Enoque* (1En 91-108). Em alguns casos, há subconjuntos de material distintivo dentro dessas divisões maiores. Por exemplo, o *Apocalipse Animal* (1En 85-90) é parte das *Visões do Sonho* (1En 83-90) e o *Apocalipse das Semanas* (1En 93.1-10; 91.11-17) é parte da *Epístola de Enoque* (1En 91-108). As primeiras porções do *Livro de Enoque* datam do 3º século d.C. Outras partes dessa coleção datam do 1º século d.C. Essa obra é, por vezes, mencionada como *Enoque Etiópico*, uma vez que a única cópia existente de toda a obra está em etíope. Nossos manuscritos mais antigos de partes dessa obra são documentos aramaicos de Qumran, o que sugere que a língua original do *Livro de Enoque* pode ter sido o aramaico. Sua data antiga, seu apocalípticismo desenvolvido e sua ampla influência tornam esse texto importante para a compreensão do crescimento e da influência do apocalípticismo judaico durante o período intertestamentário” [grifo do autor]. TAYLOR, R. *Interpretação da Literatura Apocalíptica do Antigo Testamento*, p. 51-52.

vi três portões abertos, semelhantemente aos que vira no Oriente; os mesmos portões, com as suas aberturas. (...) 36 ¹Dali parti para o sul, até os confins da terra; lá vi três portões celestes abertos. Deles provêm os ventos do Sul, assim como orvalho e chuva. Dali fui adiante, na direção do Oriente, até os confins da terra; lá vi abertas as três portas celestes orientais; sobre elas havia portões pequenos. ²Através de cada um dos portões menores, passam as estrelas do céu que caminham para o Oriente, nos seus cursos pré-estabelecidos. *Nesse momento, eu louvei o Senhor da glória e a toda hora o louvo, por ter Ele criado as obras grandes, magníficas e admiráveis e por mostrar a magnitude da sua obra aos anjos, aos espíritos e aos homens, para que todos louvem a sua inteira criação, ao verem a força do seu poder, e possam, assim, proclamar a grande obra das suas mãos e glorificar o Senhor por toda a eternidade* [grifo nosso] ⁵⁵.

Em *2 Enoque*⁵⁶, encontramos elementos que se associam mais com a temática do céu aberto, ou seja, além dos astros, há também menção a um culto celestial (o que remete a Ap 4.8 (Ἅγιος ἅγιος ἅγιος κύριος ὁ θεὸς ὁ παντοκράτωρ, ὁ ἦν καὶ ὁ ὢν καὶ ὁ ἐρχόμενος.):

(...) 17 ¹No meio dos céus eu vi soldados armados, servindo o Senhor, com tímpanos e órgãos, com vozes incessantes, com doces vozes, com doces e incessantes vozes e vários cânticos, que é impossível de descrever, e que assombra qualquer inteligência, de tão magnífico e maravilhoso que é o cântico daqueles anjos, e eu estava encantado ouvindo-o. (...) 20 ¹E aqueles dois homens levaram-me até o sétimo céu, e lá vi uma grande luz e as flamejantes hostes dos grandes arcanjos, milícias incorpóreas, e dominações, ordens e governos, querubins e serafins, tronos e alguns de muitos olhos, nove regimentos, as estações de luz loanitas, e tive medo, e comecei a tremer com grande terror, e aqueles homens tomaram-me e me conduziram e me disseram: ²tem coragem, Enoque, não temas', e mostraram-me o Senhor ao longe, sentado em seu trono muito alto. Pois o que haverá no décimo céu, se o Senhor aqui habita? ³No décimo céu está Deus, na língua hebraica ele é chamado Aravat. (...) 21 ¹E os querubins e serafins que estavam perto do trono, os de seis asas e muitos olhos não se afastaram da face do Senhor, fazendo sua vontade e rodeando seu trono, cantando com doces vozes diante da face do Senhor: 'Santo, Santo, Santo, Senhor Soberano de Sabaoth, céus e terra estão pleitos de tua glória'. ²Quando vi essas coisas, aqueles homens disseram-me: 'Enoque, foi-nos dado ordenado que viajássemos até aqui contigo', e esses homens se foram e não mais os vi⁵⁷ [grifo nosso].

⁵⁵PROENÇA, E. e PROENÇA, A. O. *Um Outro Antigo Testamento Tomo I*, p. 331-332.

⁵⁶(...) Essa obra é datada provavelmente do final do 1º século d. C., embora alguns eruditos datem de *2 Enoque* num período muito posterior. Uma vez que seu testemunho manuscrito existente vem do Eslovo Antigo, essa obra é também conhecida como o *Apocalipse Eslovo de Enoque*. Há duas edições da obra, uma muito mais longa que a outra. *2 Enoque* expande o breve relato bíblico da vida de Enoque encontrado em Gênesis 5.21-32. Ele consiste em duas partes principais. A primeira seção (*2En* 1-68) descreve a jornada de Enoque pelos sete céus. Na edição mais longa, Enoque vê o oitavo, o nono e o décimo céus também. Deus instrui Enoque durante essa jornada sobre a criação do mundo e o pecado de Adão. Enoque retorna à sua casa terrena e descreve a revelação que recebeu. A segunda seção (*2En* 69-73) descreve as vidas dos descendentes de Enoque, Metusalém e Nir. A obra termina com um breve relato do Dilúvio"[grifo do autor]. TAYLOR, R. *Interpretação da Literatura Apocalíptica do Antigo Testamento*, p. 55.

⁵⁷PROENÇA, E. e PROENÇA, A. O. *Um Outro Antigo Testamento Tomo I*, p. 281; 284.

No *Apocalipse Grego de Baruch* (ou *3º Baruch*)⁵⁸, há um relato de viagem de Baruch aos cinco céus, onde é revelado ao visionário os mistérios celestiais, cujo ápice desse texto é o capítulo 11, segundo Paulo Nogueira:

(...) 1 ⁸E o anjo dos anjos me disse: "Vem, e eu te revelarei os mistérios de Deus." (...) 2 ²E era o primeiro céu, e naquele céu ele me mostrou portas muito grandes. E o anjo me disse: "Vamos passar por essas portas." E nós passamos por elas, como se tivéssemos passado 30 dias. Ele me mostrou a salvação. (...) 3 ¹E o anjo me levou e me conduziu ao segundo céu e me mostrou grandes portas abertas, e o anjo me disse: "Vamos passar por elas". (...) 11 ¹E o anjo do poder me levou e me conduziu ao quinto céu. ²E ele me mostrou grandes portões, e nomes de homens estavam escritos (neles), e eles estavam fechados. E eu disse: "Senhor, estes portões se abrirão para que possamos entrar por eles?" E o anjo me disse: "Não é possível entrar por eles até que Miguel, o detentor das chaves do reino, venha." E o anjo me disse: "Espere e você verá a glória de Deus." ³E enquanto esperávamos, houve um ruído do mais alto céu como um triplo trovão. E eu, Baruch, disse: "Senhor, que ruído é este?" ⁴E ele me disse: "Miguel está descendo para receber as orações dos homens." ⁵E então veio uma voz, dizendo que os portões deveriam se abrir, e eles se abriram. E houve um grande ruído, maior do que o primeiro. ⁶E Miguel veio, e o anjo que estava comigo encontrou-se com ele e prostrou-se diante dele. ⁷E eu o vi segurando um vaso muito grande, cuja profundidade ia do céu à terra, e sua largura, do leste ao oeste. ⁸E eu disse: "Senhor, o que Miguel está segurando?" ⁹E ele me disse: "Aqui é onde vão as orações dos homens" [Tradução livre do autor]⁵⁹.

Em relação ao *Apocalipse de Sofonias*⁶⁰, há o relato de uma viagem celestial, um culto ao Senhor por parte de seres celestiais no quinto céu, além

⁵⁸ "(...) Diferentemente de *2 Enoque*, *3 Baruc* parte de um problema específico: Baruc está chorando pelo cativo de Jerusalém. A analogia das situações sugere fortemente que a data real de composição tenha sido após 70 d. C. A proveniência do Egito também é sugerida primariamente pelas afinidades com os outros produtos do judaísmo da diáspora. Alguns versículos, nos capítulos 4 e 11-15, são claramente cristãos, mas o caráter secundário da redação cristã fica óbvio no capítulo 4. (...) A redação cristã vai além de meras inserções e constitui uma releitura do livro, mas o núcleo da composição é corretamente reconhecido como judaico. (...) [Como supracitado, nesta obra,] Baruc está inicialmente lamentando sobre a queda de Jerusalém pelas mãos dos gentios. (...) A resposta do anjo a essa aflição é notável: 'Entende, ó homem mui amado, e não te preocupes tanto com a salvação de Jerusalém. (...) Vem, e te mostrarei os mistérios de Deus'. Os mistérios de Deus são os cinco céus através dos quais Baruc é então guiado. O *tour* celestial não chega a responder às perguntas de Baruc, mas o distrai delas ao colocar os problemas na perspectiva mais ampla da estrutura de todo o universo. (...) As maravilhas dos 'mistérios de Deus' dirimem o lamento e dor originais; por isso, no final, nos juntamos a Baruc na glorificação a Deus" COLLINS, J. *A Imaginação Apocalíptica*, p. 353; 355.

⁵⁹JR. GAYLORD, H. E. *Greek Apocalypse de Baruch*, p. 663-664; 674.

⁶⁰"(...) Este texto data provavelmente do 1º século a.C. ou do 1º século d.C. Embora os manuscritos sobreviventes estejam em coptico, a obra foi provavelmente escrita originalmente em grego. Nesse escrito, o anjo do Senhor mostra a Sofonias várias cenas relativas à sua cidade. Sofonias tem uma série de visões: anjos registrando atos dos justos (*Ap Sf* 3.1-9); anjos feios responsáveis pelas almas dos ímpios (*Ap Sf* 4.1-10) a cidade celestial (*Ap Sf* 5.1-6); um grande mar e o anjo Eremiel no Hades (*Ap Sf* 6.1-7); os dois manuscritos (*Ap Sf* 7.1-11). A obra termina com três trombetas sucessivas anunciando as intenções divinas. TAYLOR, R. *Interpretação da Literatura Apocalíptica do Antigo Testamento*, p. 58.

da abertura dos portões para que esse visionário apocalíptico veja a cidade celestial:

(...) E um espírito me levou e me conduziu ao quinto céu. E vi anjos que são chamados "senhores", e o diadema foi colocado sobre eles pelo Espírito Santo, e o trono de cada um deles era sete vezes mais brilhante do que a luz do sol nascente. E eles habitavam nos templos da salvação e cantavam hinos ao Deus inefável, o Altíssimo. (...) 5¹ Mas eu fui com o anjo do Senhor, e olhei para a frente e vi 2² portões. Então, quando me aproximei deles, descobri que eram portões de bronze. 3³ O anjo os tocou e eles se abriram diante dele. Entrei com ele e 4⁴ vi toda a sua praça como uma bela cidade, e andei no meio dela [Tradução livre do autor]⁶¹.

O *Testamento de Abraão*⁶² é outra obra apocalíptica em que podemos estabelecer diálogo com o texto de Ap 4.8 Assim, nesse relato apocalíptico, a alma preciosa desse patriarca é escoltada aos céus pelos anjos, onde eles cantam "(...) *Santo, santo, santo*", ou seja, a *kedushá* de Is 6.3 (הַשְׁבִּיחַ), em louvor e adoração ao Senhor.

(...) 30 E imediatamente o arcanjo Miguel veio com uma multidão de anjos e tomaram sua preciosa alma e a revestiram com linho, e embalsamaram o corpo do justo Abraão com óleos e perfumes divinos até o terceiro dia após sua morte, e o enterraram no lugar da promessa junto ao carvalho de Manre, mas os anjos receberam sua preciosa alma, e subiu ao céu, cantando o hino do "Três vezes Santo" ao Senhor Deus de tudo, e eles o colocaram para adorar ao Deus e Pai⁶³.

Também podemos relacionar o *Testamento de Adão*⁶⁴ com Ap 4.8, no qual Adão relata as horas celestiais, explicando que a quarta hora é destinada

⁶¹WINTERMUTE, O. S. *Apocalypse of Zephaniah*, p. 508; 512.

⁶²(...) O *Testamento de Abraão* descreve a resposta de Abraão à sua morte iminente. As opiniões sobre a data dessa obra vão desde o 1º século a. C. até o 2º século d. C. O *Testamento de Abraão* tem duas seções principais. Uma seção se concentra em uma visita de Miguel, o Arcanjo, para informar a Abraão, que é dito ser 'o verdadeiro amigo do celestial' (*T Ab* 2.5), que chegou a hora de morrer. Porém Abraão se recusa a cooperar. Uma segunda seção se concentra em uma visita da Morte, para informar a Abraão que chegou a hora de morrer. Usando um pouco de astúcia, a Morte é bem-sucedida. TAYLOR, R. *Interpretação da Literatura Apocalíptica do Antigo Testamento*, p. 58.

⁶³PROENÇA, E. e PROENÇA, A. O. *Um Outro Antigo Testamento Tomo I.*, p. 432.

⁶⁴(...) O *Testamento de Adão* está dividido em três seções conhecidas como Horário, ou horas do dia e da noite, a Profecia e a Hierarquia. As duas primeiras seções são atribuídas a Adão, e Adão fala na primeira pessoa; a terceira seção não é atribuída a nenhuma figura específica. Na primeira seção, o Horário, Adão fala com seu filho Sete, listando as horas do dia e da noite e revelando a ele qual parte do mundo criado louva a Deus em cada hora. Na segunda seção, a Profecia, Adão revela informações a Sete sobre a criação e a queda do homem e prevê o Dilúvio, o nascimento, a paixão e a morte de Cristo e o fim final do mundo. Ao final desta seção, Sete acrescenta que registrou pessoalmente o testamento de seu pai, Adão, e que o enterrou na lendária Caverna dos Tesouros. A terceira seção, a Hierarquia, é uma lista das nove ordens diferentes de seres celestiais (anjos, arcanjos, poderes etc.) e uma descrição da função de cada uma das nove ordens na economia divina. (...) Três línguas foram propostas como sendo a origem do *Testamento de Adão*: hebraico, grego e siríaco. (...) As três seções do *Testamento de Adão* não foram escritas ao mesmo tempo, mas a redação cristã final, na qual o testamento

ao *Santo, santo, santo*. Além disso, o capítulo 4 desse texto apocalíptico descreve as ordens angelicais que declaram a santidade ao Senhor Jesus, que reportam a Ap 5.11-13 (μυριάδες μυριάδων καὶ χιλιάδες χιλιάδων Ἄξιόν ἐστιν τὸ ἄρνιον τὸ ἐσφαγμένον λαβεῖν τὴν δύναμις καὶ πλοῦτον καὶ σοφίαν καὶ ἰσχὺν καὶ τιμὴν καὶ δοξάν καὶ εὐλογίαν.):

(...) 1 ⁴A quarta hora é o louvor "santo, santo, santo" dos serafins. E assim eu costumava ouvir, antes de pecar, o som de suas asas no Paraíso quando os serafins as batiam ao som de seu triplo louvor. (...) 4 ⁸Estas outras ordens, tronos, serafins e querubins, estão diante da majestade de nosso Senhor Jesus, o Messias, e servem ao trono de sua magnificência, glorificando-o a cada hora com seus "santo, santo, santo". Os querubins sustentam e reverenciam seu trono e guardam os selos; os serafins servem à câmara interior de nosso Senhor; os tronos guardam a porta do Santo dos Santos. Esta é verdadeiramente a explicação dos serviços, segundo o plano dos anjos neste mundo [tradução livre do autor]⁶⁵.

Portanto, vimos, nos textos apocalípticos mencionados aqui, o diálogo/relação com Apocalipse 4-5, a saber: através da existência de visões e relatos dos múltiplos céus e seus mistérios, com as suas portas nos quatro pontos cardeais, bem como a cidade celestial; a manifestação de louvor e adoração, ou seja, uma liturgia/culto ao Senhor que está assentado em Seu Trono e ao Cordeiro também; a menção de hierarquia de anjos e figuras fantasiosas; a intermediação de anjos com o vidente; e a intertextualidade com o Antigo Testamento (Êx 19.16; Sl 18.7-9; Is 6.1-4; Ez 1.26-28; Dn 7.9-10).

Assim, como já abordado, o Apocalipse de João traz, no seu bojo, uma riqueza teológico-literária, no qual estão contidos traços epistolares, proféticos e apocalípticos. Consequentemente, esse último livro das Sagradas Escrituras não é um "repertório especulativo" de profecias alarmistas (como muitos pregadores/líderes tentam apresentá-lo, praticando uma desonestidade intelectual, teológica e, principalmente, espiritual). Ele é um manifesto em que o Cordeiro tem a palavra final – Ele e a Sua igreja vencerão, definitivamente, todo o mal e, por extensão, o pecado que tenta fazer oposição a Deus.

Por fim, o Apocalipse aponta para a abençoada esperança que temos Naquele que está assentado no Trono (Ap 4.2-3) e no Seu Cordeiro (Ap 5.11-12) que foi morto e é Digno "(...) *de receber o poder, a riqueza, a sabedoria, a*

assumiu sua forma atual, provavelmente ocorreu em meados ou no final do século III d.C." [Tradução livre do autor]. ROBINSON, S. E. *Testament of Adam*, p. 989-990.

⁶⁵ROBINSON, S. E., *Testament of Adam*, p. 993; 995.

força, a honra, a glória e o louvor”, de todas as tribos, línguas, povos, nações de todas as latitudes da Terra!

5) CONCLUSÃO

Neste artigo, realizamos a análise da relação do texto de Apocalipse 4-5 com a literatura apocalíptica. Propomos como hipótese central de nosso trabalho que há um diálogo/relação desse gênero textual apocalíptico com o último livro do Novo Testamento, notadamente, os capítulos 4-5 que apresentam temáticas vinculadas a esse tipo de texto, oriundo do judaísmo do segundo templo.

No que se refere à metodologia, a abordagem deste trabalho foi de caráter qualitativo. Assim, a pesquisa consistiu na descrição, explicação e análise do tema, com base no estudo da revisão bibliográfica apresentada.

Nesse aspecto, na primeira parte do nosso trabalho, realizamos um mapeamento do livro de Apocalipse de João, em que analisamos a datação e a questão da autoria desse livro das Sagradas Escrituras. Além disso, debruçamo-nos sobre as características literárias do Apocalipse, cujo aspecto central é a combinação de três gêneros textuais, a saber: o epistolar, profético e o apocalíptico.

Na segunda parte do nosso artigo, enfocamos o estudo do Apocalipse como uma literatura apocalíptica. Procuramos definir a literatura apocalíptica enquanto gênero textual, demonstrando os seus principais traços literários, desenvolvidos no contexto do judaísmo do segundo templo. Ademais, expomos o estreito vínculo entre a literatura apocalíptica e o último livro neotestamentário.

Na última parte desse trabalho, detemo-nos no cerne desse artigo: a relação da literatura apocalíptica com os capítulos 4-5 do Apocalipse de João. Inicialmente, abordamos a teologia que está por trás desses dois capítulos em análise, visto que eles se apresentam como um “bloco”, indicando a temática do culto celestial, isto é, o louvor e a adoração a Deus e, por conseguinte, ao Seu Cordeiro.

Para finalizar o artigo, concentramo-nos na hipótese central desse trabalho: o diálogo/relação da literatura apocalíptica com os capítulos 4-5 do Apocalipse de João. Consequentemente, expomos alguns textos apocalípticos, tais como: 1 Enoque 1-36 (o Livro dos Vigilantes), 2 Enoque, Apocalipse de Baruch (ou 3º Baruch), Apocalipse de Sofonias, Testamento de Abraão e o Testamento de Adão.

Em seguida, averiguamos a relação que esses textos apocalípticos possuem com os capítulos 4-5 do Apocalipse, denotando a riqueza teológica que está contida nesse livro que traz, no seu bojo, uma mensagem de esperança e, por extensão, vitória Daquele que está assentado no Trono e do Seu Cordeiro.

REFERÊNCIAS

- BAUCKHAM, R. *A Teologia do Livro de Apocalipse*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada (Nova Almeida Atualizada)*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- BÍBLIA NOVO TESTAMENTO. *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*. 2ª Ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.
- BLOMBERG, C. L. *Introdução de Atos a Apocalipse*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2019.
- CARNEIRO, M. S. Os Livros Conversam Entre Si: A Intertextualidade no Estudo da Bíblia. In: LEONEL, J. e CARNEIRO, M. *Para Estudar a Bíblia. Abordagens e Métodos*. São Paulo: Editora Recriar, 2021.
- CHESTER, T. *Apocalipse para Você*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2021.
- COLLINS, J. J. *A Imaginação Apocalíptica. Uma Introdução à Literatura Apocalíptica Judaica*. São Paulo: Paulus, 2010.
- GASQUE, W. W. Literatura Apocalíptica. In Tenney, M. C. (Org.) *Enciclopédia da Bíblia Cultura Cristã: vol. 3/H-L*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.
- GORMAN, J. M. *Lendo Apocalipse com Responsabilidade. Testemunho e Adoração Incivil: Seguindo o Cordeiro Rumo à Nova Criação*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.
- JR. GAYLORD, H. E. Greek Apocalypse de Baruch. In: CHARLESWORTH, James H. *The old Testament Pseudepigrapha*. Garden City, New York : Doubleday & Company, 1983.
- LADD, G. *Apocalipse. Introdução e Comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2008.
- MIRANDA, V. *Revelação. Como Ler e Entender o Apocalipse*. São José dos Campos: Editora Inspire, 2011.
- _____. *O Caminho do Cordeiro. Representação e Construção de Identidade no Apocalipse de João*. São Paulo: Paulus, 2018.

_____. *O Que é Escatologia? Para Pensar Sobre o Fim*. Rio de Janeiro: Contra o Vento, 2025.

_____. *Fé e Poder: A História do Cristianismo Antigo e Medieval*. Rio de Janeiro: Editora Contra o Vento, 2025.

NOGUEIRA, P. *Religião e Poder no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Paulus, 2020.

OSBNORNE, G. R. *Apocalipse. Comentário Exegético*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2014.

PROENÇA, E. e PROENÇA, A. O. (Orgs.) *Um Outro Antigo Testamento. Tomo I*. São Paulo: Paulus e Fonte Editorial, 2022.

ROBINSON, S. E. Testament of Adam. In: CHARLESWORTH, James H. *The old Testament Pseudepigrapha*. Garden City, New York : Doubleday & Company, 1983.

SILVEIRA, L. S. Questões Centrais de Apocalíptica Judaica. *Revista Teológica Ígnea*, Rio de Janeiro, FAECAD, Ano I, n. 01, p. 85-96, janeiro a julho de 2019.

SILVEIRA, L. S. e GODOI, M. O Caráter Litúrgico do Apocalipse. *Sapientia: Estudos de Teologia e Espiritualidade*. Belém, v.1, n. 2, janeiro-junho, 2023.

TAYLOR, R. A. *Interpretação da Literatura Apocalíptica do Antigo Testamento. Um Prático e Indispensável Manual de Exegese*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2018.

THOMPSON, M. C. O Livro de Apocalipse. In: MCKNIGHT, S. e GUPTA, N. K. *Estudos do Novo Testamento. Um Panorama dos Debates Acadêmicos Mais Recentes*. Rio De Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2024.

WINTERMUTE, O. S. Apocalypse of Zephaniah. In: CHARLESWORTH, James H. *The old Testament Pseudepigrapha*. Garden City, New York : Doubleday & Company, 1983.